

“Histórias de Roma”: a leitura da semana **P IV**

Estrelas Michelin como impulso na economia **P VI/VII**



Rita Carmo

“Marcelo é um desbloqueador”

Maestro e compositor, Rui Massena fala com paixão do novo álbum, do seu trabalho, do percurso e da música. Mas também analisa Portugal, elogia o Presidente e, sobre Trump, uma garantia: nunca votaria nele. **P II/III**

ENTREVISTA Rui Massena
Maestro e compositor

“A música para mim é a existência”

Fala com entusiasmo sobre o seu percurso musical e acerca de “Ensemble”, o álbum mais recente que vai apresentar nos Coliseus.

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

Como caracteriza “Ensemble”, o seu mais recente trabalho?

É completamente diferente do primeiro álbum a solo. Continuo ao piano, continua o registo da tranquilidade, mas tem orquestra de cordas dentro. A orquestra é o meu mundo também, a minha formação e o meu gosto.

Em que medida isso altera a organização do trabalho?

Altera na base: deixo de estar sozinho ao piano para estar com 12 músicos. Sob o ponto de vista musical altera porque o “Ensemble” tem a ver com a introdução das pessoas que trazem a emoção. Esta ouve-se na música, faz com que as pessoas a sintam, portanto, mais pessoas a tocar, mais emoção dentro.

Como são as músicas do álbum?

O meu primeiro e segundo álbuns, se o posso resumir, têm muito a ver com a minha busca do conhecimento e da minha identidade. Neste álbum há algumas palavras que me fazem falta como o “Abraço”, sob o ponto de vista afetivo, com que começa o disco; a “Valsa”, que o fecha, é a música número 13, da sorte ou do azar e que, no fundo, é um convite a dançar, não sendo fácil dançar sobre tudo o que acontece; o “Renascer” tem a ver com o exercício diário de renascer, algo difícil porque a vida cansa-nos e é precisa coragem; a “Liberdade” no sentido da pergunta que temos de fazer no mundo de hoje sobre como tratar a liberdade, o que ela é e tudo o que representa, como nos relacionamos com esses valores; “Alento”, o balanço entre positivo e negativo; “Borboleta”, a ideia de conseguirmos viver num dia só, rápido e bem. No fundo são palavras-chave que encontrei e me motivam a sublimar, através da música, o que sinto.

Por que razão escolheu a música e o piano?

Não escolhi, só me lembro de os meus pais me porem a tocar piano aos seis anos e, desde aí, nunca mais fiquei longe do piano, nem longe da música. A música para mim é um ato natural, não é pensado, é a existência.

Como foi a experiência de aprendizagem com César Morais e Maria José Morais?

Muito boa, o pai compositor e a filha pianista são excelentes profissionais. Foi boa porque, se não desisti, alguma razão existiu, pois os professores têm força muito marcante na vida dos alunos.

O que é essencial para ser um grande pianista e maestro?

De formação sou maestro, ao piano só toco as minhas composições. Como maestro interpreto Beethoven, Chopin, Liszt, Brahms, o que for. Gosto de me ver como compositor e como maestro. A liderança musical precisa de muita disciplina e muito rigor. Depois precisa de grande dose de confiança nas pessoas. É preciso juntar estes dois pontos

A liderança musical precisa de muita disciplina, rigor e grande dose de confiança nas pessoas. É preciso juntar estes dois pontos com muita mestria para que o projeto musical aconteça

com muita mestria para que o projeto musical aconteça.

Como recorda a experiência de trabalho na Madeira?

Muito bem. Foram anos essenciais na minha vida. Gostei muito de lá viver e as vivências pessoais trazem harmonia interior para se materializar na música. Foi um projeto que me desenvolveu imenso enquanto artista e como pessoa. Fiquei com um amor enorme àquela ilha, na verdade faz parte de mim, quando aparece um raio de sol lembro-me da Madeira. Tenho memórias muito fortes de lá e muito respeito pela Orquestra Clássica da Madeira que, salvo erro, é com a da Gulbenkian a segunda mais antiga do país. É uma instituição muito bonita que faz um trabalho importantíssimo na aculturação daquela ilha.

Ficou surpreendido, como programador, com o enorme sucesso que foi Guimarães Capital Europeia da Cultura?

Sempre que parto para um concerto, uma entrevista, o que quer que seja, tenho um pensamento muito positivo, nunca penso nas coisas para perder. O que está a dizer é que Guimarães se comunicou muito bem e o projeto era muito bom. Na área da música, aquele por que fui responsável, foi bem pensado, de dentro para fora, com mais de 90% de programação portuguesa. Isso foi identidade produzida em Guimarães para a Europa. Além disso, havia a Fundação Orquestra Estúdio que trazia músicos de 22 nacionalidades europeias e disse à cidade que tinha capacidade para produzir música a este nível. E Guimarães orgulhou-se da sua orquestra.

E o “Música, Maestro”? Como o situa no seu percurso?

Para não ser eu a situar deixo que seja o concurso Rose d’Or, em Berlim, no qual fomos finalistas com projetos inglês e francês – em 55 anos penso que foi a primeira vez que isso aconteceu com as televisões inter-estatais. Considerou



que fora um grande projeto sociológico, pois aproximou a grande música da comunidade. É que a grande música, como a grande literatura, a grande pintura, a grande arte, muitas vezes tem dificuldade de se explicar e de acesso, necessitando de abordagens afetivas. Foi isso que aconteceu.

Esteve dois anos como maestro principal convidado na Orquestra Sinfónica de Roma: esse contacto foi essencial?

Essa orquestra e quase outras 30 que fui dirigindo fazem com que nos possamos situar no plano cultural e isso muda a nossa abordagem, a nossa tolerância. Dirigir uma orquestra na Finlândia é diferente de fazê-lo nos Estados Unidos. Temos de nos adaptar e essa adaptação faz com que saibamos olhar diferentes geografias culturais de forma livre e gostar delas. Isso ajuda na música e a sermos nós, portugueses. Ajuda a crescer.

Foi o primeiro português a dirigir no Carnegie Hall: como o recorda?

É uma experiência de acústica perfeita; de uma orquestra em

que, no ensaio geral, não precisei de dizer uma palavra para que os músicos se adaptassem à acústica; de trabalho a alto nível. E, se é muito exigente, é muito compensador porque estamos a trabalhar no detalhe. Quando se consegue chegar a isso, é estar o mais próximo possível da perfeição. E depois porque o nosso imaginário da vida (Berlim, Nova Iorque, Los Angeles, Londres) tem sempre esta magia que é sentirmo-nos no centro do mundo. Tinha 35 anos, foi numa altura do percurso em que precisamos de certezas sobre nós próprios. Aquilo é uma prova, é preciso ultrapassá-la e, quando se ultrapassa, uma pessoa sente-se melhor por isso.

As colaborações musicais que tem mantido são fulcrais?

É olhar a música sem barreiras, sem fronteiras, e ter prazer nas várias geografias musicais. É ter prazer na identidade do hip hop, do clássico, do jazz, e acumular conhecimento através disso. Fiz sempre isso em contexto de programador, de aproximação da população à instituição que estava a representar. Abracei a popu-



Rita Carmo

“Guterres é uma boa surpresa”

Há algum maestro cujo estilo admire mais?

Tenho dois que sempre admirei muito, um deles, o Claudio Abbado, morreu há pouco tempo, mas fui muitas vezes a Berlim ouvir os seus ensaios. O outro é Carlos Kleiber. Mas adoro Gustavo Dudamel e aquilo que faz, é um homem sem preconceitos. Gosto muito de Simon Rattle, outro homem sem preconceitos. São homens transformadores. Fiquei tão contente com o Nobel dado a Bob Dylan! Não digo que, em cinco anos, devam ser entregues prémios assim, mas pelo menos num, sim. Isso é sinal de contemplar toda a sociedade. A arte transforma a sociedade e, assim, isto é poesia. **Sente a sociedade portuguesa transformada com a alteração de Governo?**

Claro, mudou.

Para melhor ou para pior?

Este entendimento mostrou-nos uma nova sociedade. Sou muito apaixonado por fenómenos sociológicos e, quanto mais não seja, daqui por 10 anos vamos olhar para isto como um ato novo de entendimento parlamentar e isso é importante. Penso que mudou, não consigo avaliar se foi para melhor ou pior, eu sinto-me melhor. Não sei, porque a política necessita de tempo. Só quero como cidadão que a minha vida no país tenha dignidade e aquilo que a democracia nos permite: pensamos melhor porque pensamos mais e em conjunto.

O país ainda é muito desigual?

Com certeza que sim, mas muito menos porque o acesso democrático à informação chega a todo o lado e isso combate a desigualdade de uma forma que nunca antes acontecera.

Vê essa perspetiva positiva também no presidente?

Completamente! É um desbloqueador de contacto positivo. Uma vez que não tem poderes executivos, a sua ação moral, ética e afetiva é fundamental para que a nossa sociedade saiba sorrir.

O que espera de Guterres?

É uma boa surpresa para mim, porque nunca tive grande opinião dele enquanto político. Mas neste percurso na ONU deve ter encontrado a sua vocação.

Tendo uma perspetiva abrangente, de diversidade e tolerância, como olha para as eleições nos Estados Unidos?

Olho como resultado da sociedade que se construiu no país.

Não é paradoxal que, após oito anos com o primeiro presidente afro-americano, haja este desfecho?

É. Quer dizer que aquilo que se pensava ter sido feito, não se chegou a fazer.

De quem é a responsabilidade?

É do Congresso, do presidente, de todos. Admiro imenso Obama, também um desbloqueador positivo – e o mundo tem outro no Papa Francisco, uma luz extraordinária –, mas talvez não tenha chegado onde devia. Eu votaria em Trump? Nunca!

Na Europa regista-se uma subida perigosa da extrema-direita: isso leva-o a refletir sobre uma espécie de regresso às vésperas dos conflitos mundiais e a olhar com preocupação?

Claro. Para mim é evidente que a política é o único meio de que dispomos para mudar o mundo. Temos outros, mas a sistematização do mundo só pode ser feita com política. Se o líder político for distante do cidadão, a política não muda o mundo, mas só a si própria. A Europa é um sonho no qual acredito, mas não consolidado. Quero acreditar que a União Europeia não é uma falência, porque o homem defende-se sempre de si próprio. É preciso parar também nesta questão do capitalismo. Tenho tanto medo dos homens que não duvidam e, no fundo, é disso que andam à procura. É preciso construir uma sociedade mais centrada no homem. ■

lação e dei a conhecer a orquestra. Foi puro prazer e cruzamento artístico, dando a perceber às pessoas que a orquestra é um instrumento para fazer música e pode tocar qualquer uma, desde que seja bem feita.

Há algum compositor que prefira?

Tenho vários. Mozart é um compositor que acumula características que admiro muito: harmonia funcional, sabe bem, é bom, dá prazer. Depois tem a irreverência de, à época, sair, pensar de fora, não querer ficar na corte, dependente de um salário, e ir à procura do mundo. Mas, falando em música, adoro Stravinsky, Ravel, Debussy. Gosto muito de Wagner, de Bruckner, de Brahms...

É abrangente?

Sim, porque não consigo eleger – consigo eleger períodos, não um compositor.

Onde se encaixam as suas palestras sobre liderança: correm paralelas à música?

Isso é um posicionamento muito interessante, pois penso que devemos ser tudo aquilo que quisermos. Há várias personagens den-

tro de nós e tenho um lado da comunicação pelo qual sinto grande apelo, é uma forma de me perceber a mim próprio e ao mundo. Nestas conferências partilho a minha experiência de direção e de liderança, portanto, a minha percepção do mundo.

O maestro Vítorino d’Almeida disse que o Rui é um dos músicos mais importantes da sua geração. Isso representa um peso ou uma forma de gratificação?

Tenho enorme respeito pelo maestro por ser um grande divulgador do que gosta. Eu também gosto muito de divulgar aquilo que aprecio – estou apaixonado e gosto de dizê-lo. Não sinto particular responsabilidade, mas uma pequenina missão e um apelo interior de não deixar emagrecer o entendimento da sociedade, dentro da minha perspetiva, daquilo que uma pessoa pode mudar o mundo. Caso contrário, qualquer dia só consumimos plástico.

É surpreendente a dose de sucesso que atingiu de modo rápido?

Não sei se foi rápido. Comecei a estudar com seis anos, a trabalhar com 15/16, tenho 43: quando dou

conta de que, só a partir da direção de orquestra, já foram 16 anos, não sei o que é lento ou rápido. Sei que continuo a trabalhar muito para que as coisas me aconteçam. Gosto de manter boa relação com a vida e esse é o grande percurso de cada um de nós.

Diz-se nos meios desportivos que um guarda-redes só atinge a plenitude depois de sofrer mil golos. Não lhe pergunto se um maestro só atinge o auge depois de mil concertos...

Mas faz sentido...

Quando é que um maestro atinge a plenitude das suas capacidades?

Sob o ponto de vista da utopia, nunca. Porque em cada obra, à medida que se faz mais uma vez, vamos ouvindo coisas novas e assim será até ao fim da vida. Do ponto de vista do maestro homem, a idade é um posto, o número de horas tocadas, em orquestra, vividas em concerto, a quantidade de percepções, muda. Entre os 50 e os 60 anos talvez se consiga conjugar bem o conhecimento e a disponibilidade física para, com um mínimo de esforço, ter máximo rendimento. ■



Fotografia com RA

LIVROS

“Histórias de Roma”: o prazer de partilhar aquilo que se ama

A sugestão de leitura desta semana da livraria Palavra de Viajante.



PALAVRA DE VIAJANTE

Além de eterna – ou talvez por isso mesmo –, Roma é uma das cidades mais belas e fascinantes do mundo e, por mais que se visite, fica sempre muito por ver. A luz, a arquitetura – alguma dela já milenar –, as obras de arte espalhadas por inúmeros edifícios (museus, igrejas, palácios, etc), os lugares e o estilo de vida celebrizados pelo cinema e tantas outras razões que fazem de Roma uma cidade única, justificam plenamente que tanto se tenha escrito sobre ela. E são inúmeros os relatos de viajantes ou residentes mais ou menos temporários, mais ou menos conseguidos. “Histórias de Roma” está indubitavelmente entre os melhores. Mesmo que não tivesse a história dos moldavos voadores.

Correspondente do diário “El País” em Londres, Paris, Nova Iorque, Washington, Roma e Jerusalém, o jornalista e escritor espanhol Enric González deixou o diário de referência em outubro de 2012: assina hoje uma coluna semanal no “El Mundo”, colaborando ainda com o magazine cultural “Jot Down”.

Tal como tinha já acontecido com Londres e Nova Iorque, em “Histórias de Roma” cabe a González partilhar connosco o privilégio de viver na cidade e, portanto, de poder tirar maior partido dela. Numa escrita solta mas cativante, o autor leva-nos a passear por Roma. Evoca locais como a esplanada do Caffè della Pace, perto da Piazza Navona, onde se encontra a célebre Fonte dos Qua-

tro Rios, que o Papa Inocêncio X encomendou a Bernini – “Se uma pessoa não se apaixona por Roma sentada na esplanada do Caffè della Pace, não vale a pena insistir mais”; a alfaiataria onde se vestem os papas; o armazém dedicado ao *prêt-à-porter* ecléctico onde há de tudo, de cálices a cuecas; ou ainda a rua a meio caminho entre as sedes do partido da Democracia Cristã e do Partido Comunista, onde foi abandonado o automóvel com o

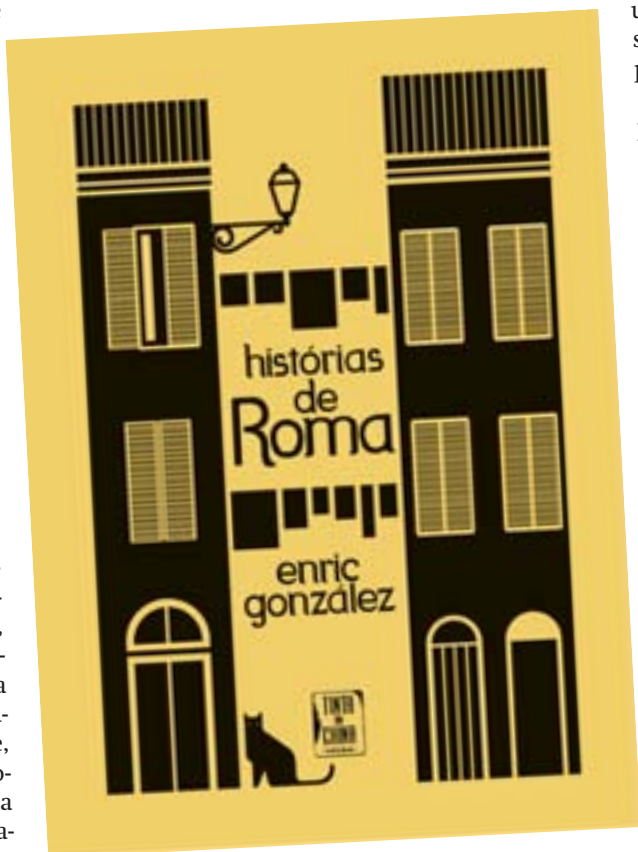
cadáver de Aldo Moro, sequestrado pelas Brigadas Vermelhas.

Recorda também algumas figuras que marcaram a cidade, como o artista Miguel Ângelo, papas diversos ou ainda o ator Alberto Sordi, conhecido como Albertone, que nasceu em 1920 em Trastevere, esse bairro magnífico e tão romano e cuja personagem Nando Mericoni era uma feroz caricatura do romano médio. Bem como pequenas histórias que se desenrolaram na cidade e que ficaram para sempre associadas a um prédio, a uma praça, a um prato, a uma obra de arte e que, todas juntas, dão a Roma este seu carácter tão particular. E, claro, a deliciosa história dos moldavos voadores.

Que Enric González gostou imenso da sua estadia em Roma nota-se na escrita e nos episódios selecionados, inclusive quando compara a cultura de acolhimento com a cultura nativa: “Os italianos são formais no trato. Os romanos, ainda mais. Vindo de um país como Espanha, em que parece que toda a gente se conhece desde que nasceu e em que as subtilidades da linguagem foram substituídas por pigarros, sons guturais e palavras, tendo a apreciar o uso de fórmulas de cortesia na comunicação interpessoal.”

Este humor, ainda que por vezes um pouco mais subtil, atravessa todo o livro e é assim que González infunde no leitor um desejo enorme de entrar rapidamente num avião com destino a Roma. Saber partilhar o que se ama pode ser uma arte. A alguém que gostou tanto de “A Lebre de Olhos de Âmbar”, de Edmund de Waal – paixão que partilhamos por aqui –, não se exige mais nada!

“Histórias de Roma” – tal como “Histórias de Londres” e “Histórias de Nova Iorque” – é editado pela Tinta da China. Quanto aos moldavos voadores, o melhor mesmo é ler o livro! ■



NOVIDADES

“O Governo Bilderberg - do Estado Novo aos nossos dias”, de Frederico Duarte Carvalho (Grupo Planeta)

Desde a fundação (1954) à participação portuguesa em termos estatais a partir de 1956, a obra resulta de investigação aprofundada do autor ao longo de cerca de 20 anos. De acordo com a editora, “este é um dos mais completos trabalhos alguma vez publicados sobre o Grupo Bilderberg, quer em Portugal”, quer no plano internacional. Em anexo são fornecidos dados sobre todos os encontros do género desde os anos 50 até ao momento atual.



“A Descrição da Infelicidade”, de W. G. Sebald (Quetzal)



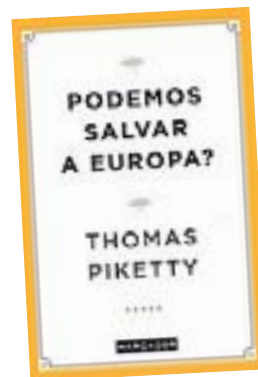
Embora esteja publicado há 31 anos, este livro de Winfried Georg Sebald, autor de obras como “Os Emigrantes”, “Os Anéis de Saturno”, “Austerlitz” ou “Campo Santo” e desaparecido em 2001, só agora chega às livrarias portuguesas. Refere a editora que se trata de um escritor cuja obra “tem vindo a influenciar novas gerações”, incluindo nomes como os de Teju Cole ou Zia Haider Rahman.

“O Livro Vermelho das Vendas”, de Jeffrey Gitomer (Gestão Plus)

Conheça fórmulas usadas por uma grande diversidade de companhias como AC Nielsen, BMW, Carlsberg, Caterpillar, Coca-Cola, Hilton Hotels, IBM, Liberty, MetLife, The New York Post ou Time Warner, no plano das vendas. Trata-se de uma obra que acumulou mais de três milhões de exemplares vendidos à escala mundial, transformando-se num sucesso que talvez muitos não esperassem.



“Podemos salvar a Europa?”, de Thomas Piketty (Marcador)



Considerado uma das vozes mais respeitadas da atualidade no universo da economia, Thomas Piketty apresenta nesta obra uma coleção das crónicas que tem escrito sobre o quotidiano com ênfase especial no domínio económico. Num livro em que são abordados os mais diversos temas, o projeto da União Europeia, a sua viabilidade e sustentabilidade à luz dos desafios atuais estão sob o foco da escrita de Piketty.

“Gloria in Excelsis – As Mais Belas Histórias Portuguesas de Natal”, antologia (Grupo Bertrand-Círculo)

Reedição de um trabalho com organização de Vasco Graça Moura que engloba quatro dezenas de histórias sobre a temática do Natal. Em causa estão escritores como Alves Redol, Eça de Queiroz, Ferreira de Castro, Gaspar Simões, Jorge de Sena, José Eduardo Agualusa, José Régio, José Saramago, Miguel Torga, Raul Brandão, Sophia de Mello Breyner ou Vitorino Nemésio.



CINEMA

Um par de espiões com vários boatos à volta de “Aliados”

Se há envolvimento romântico num filme e, ao mesmo tempo, Brad Pitt e Angelina Jolie se divorciam, chegam logo rumores. Foram desmentidos, mas as marcas permaneceram.

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

A ideia de lançar “Aliados” por esta altura era uma piscadela de olho à possível entrada nos candidatos aos Óscares. No entanto, como os protagonistas do filme se envolvem de forma romântica e a obra coincidiu com a separação do casal “Brangelina”, os rumores de interferência surgiram de imediato.

Marion Cotillard negou-os e o marido, o também ator Guillaume Canet, considerou-os “estúpidos e infundados”. Ainda assim, os boatos interferiram com a normalidade da apresentação da obra.

Além do desmentido, questionada sobre a química necessária, Cotillard afirmou, em entrevista ao diário “The Guardian”: “Não pensamos que é preciso criar química, mas que é necessário encontrar a autenticidade da personagem e da história. A química cria-se a si própria.”

Também à publicação britânica, Robert Zemeckis, respon-

sável pela realização do filme, defendeu: “Quando se escolhem os atores, a química é um fator de sorte, não dá para impor. Uma das coisas mágicas que sucedem no Cinema é que, por vezes, existe magnífica química no ecrã, conforme sucede nesta situação.”

O que diz a crítica
Porém, a opinião de Zemeckis tem sido contestada por seto-

A história gira em torno de Max Vatan e Marianne Beausejour que se conhecem numa missão em Marrocos

res da crítica que apontam precisamente a falta de ligação entre Pitt e Cotillard como um dos principais problemas do filme. Referindo-se ao contexto da obra, Cotillard disse que “as pessoas enfrentaram situações extremas, tendo como é óbvio reações e emoções extremas”.

O espião Max Vatan (Brad Pitt) e Marianne Beausejour (Marion Cotillard), combatente ligada à Resistência francesa, travam conhecimento em 1942, durante uma missão como espiões em Marrocos e acabam por decidir casar-se. Porém, mais tarde, já em Londres, Max irá ser confrontado com uma dúvida que o levará a um dilema e a ter de fazer uma escolha dramática. O autor do argumento é Steven Knight (“Estranhos de Passagem”, “Promessas Perigosas” ou “Locke”). ■

Género: Guerra; **Realizador:** Robert Zemeckis; **Elenco:** Brad Pitt, Marion Cotillard, Jared Harris, Lizzy Caplan, Raffey Cassidy, Matthew Goode; **País:** EUA; **Duração:** 124m.



ESTREIAS

Estive em Lisboa e Lembrei de Você



Adaptação ao Cinema do livro com o mesmo nome, escrito por Luiz Ruffato, o filme conta a história de Sérgio de Souza Sampaio. Rumar a Portugal é a sua opção ao ver-se despojado de emprego, da mulher e do filho. Por entre as dificuldades de encontrar trabalho e remuneração dignas, Souza Sampaio vai lutar contra o peso de fatores como a falta de companhia e o desprezo a que é votado.

Género: Drama; **Realizador:** José Barahona; **Elenco:** Paulo Azevedo, Renata Ferraz, Amanda Fontoura; **País:** Brasil/Portugal; **Duração:** 94m.

Eu, Daniel Blake

Uma história exemplar, premiada com a palma de Ouro em Cannes, acerca dos efeitos nocivos que podem ser exercidos pela máquina burocrata do Estado. No centro da trama está um viúvo quase sexagenário a quem é negada, de forma incrível, ajuda social após lhe ser diagnosticada uma doença cardíaca que o impede de trabalhar. Quando se cruza com Katie, mãe solteira de duas crianças e também ela sob urgente necessidade de apoio, o panorama altera-se e a dupla passa a travar junta um combate desigual.



Género: Drama; **Realizador:** Ken Loach; **Elenco:** Dave Johns, Hayley Squires, Sharon Percy; **País:** Grã-Bretanha, França, Bélgica; **Duração:** 100m.

Versus: The Life and Films of Ken Loach

Ao mesmo tempo que Ken Loach se empenhava na rodagem do filme “Eu, Daniel Blake”, durante o ano passado, um documentário sobre a sua obra e personalidade dava corpo a uma forma de homenagem ao seu trajeto. Outros realizadores, atores e muita gente ligada à 7ª Arte num desfile de depoimentos sobre um autor que se bate, há quase 50 anos, pela apreciação de temas sociais na sua cinematografia.

Género: Documentário; **Realizadora:** Louise Osmond; **País:** Grã-Bretanha; **Duração:** 93m.



O Número



Do realizador de filmes como “O Futuro Radioso”, “Ararat”, “A Viagem de Felícia”, “Onde Está a Verdade?” ou “O Preço da Traição”, a película tem argumento de Benjamin August. A ação parte de quando o sobrevivente de um campo de concentração que, em cadeira de rodas, está num lar, pede ajuda ao companheiro de quarto para se vingar de quem levou à detenção e morte da sua família. Com interferência da doença de Alzheimer pelo caminho, a odisséia está em marcha.

Género: Thriller; **Realizador:** Atom Egoyan; **Elenco:** Christopher Plummer, Bruno Ganz, Kim Roberts, Amanda Smith, Martin Landau, Jürgen Prochnow, Heinz Lieven, Dean Norris, Henry

Czerny; **País:** Alemanha/Canadá; **Duração:** 94m.

Underworld: Guerras de Sangue



No quinto filme da saga, o combate de Selene, tendo o clã Lycan como temível adversário, não regista tréguas. Becksinale, que ficara fora do terceiro dos quatro filmes anteriores (“Underworld: Rise of the Lycans”, de 2009), prossegue a sua missão, desta vez com o envolvimento de uma filha. Cory Goodman é o autor do argumento.

Género: Terror; **Realizador:** Anna Foerster; **Elenco:** Kate Beckinsale, Theo James, Alicia Vela-Bailey, Tobias Menzies, Trent Garrett, Lara Pulver, Peter Andersson, Clementine Nicholson, Bradley James e Charles Dance; **País:** Estados Unidos; **Duração:** 91m.

As estrelas Michelin são amigas da economia

Os chefs Rui Paula e Henrique Sá Pessoa, dois dos estreates na distinção, analisam argumentos, admitem diferenças e projetam próximos tempos com perspectivas otimistas.

Paulo Jorge Pereira
ppereira@jornaleconomico.pt

Portugal passou a ter 21 restaurantes com 26 estrelas Michelin, símbolo de excelência na área gastronómica. Rui Paula e Henrique Sá Pessoa, dois dos estreates na distinção – além dos seus casos, há cinco restaurantes com duas estrelas e outros nove que mantiveram uma –, falam sobre a cozinha portuguesa e admitem que as estrelas Michelin são amigas da economia.

“Nunca tivemos tantas distinções deste género como agora, foi um ano histórico”, explica Sá Pessoa, do Alma. “Há quem olhe de lado para estes prémios pela vertente elitista, mas esquece-se que exerce um efeito muito positivo na economia e no turismo – muitos chegam a Portugal de propósito para visitar os restaurantes em causa, mas, como ficam vários dias, pedem conselhos e acabam por dar contributos noutros locais”, lembra.

“O guia Michelin reconheceu-nos porque estamos a crescer no plano turístico”, diz Rui Paula, da Casa de Chá da Boa Nova, em Leça. “O Porto está irreconhecível e Lisboa já começou há mais tempo – existe excelência nos hotéis e restaurantes, preços para todos os

gostos, bons profissionais, vinhos de ótima qualidade a preços competitivos. E os turistas indicam o caminho, motivando os empresários a apostar no turismo e na hotelaria”, acrescenta.

“Houve aumento da faturação não muito significativo, mas sentimos diferença na procura de mesas, sobretudo com pedidos feitos já para janeiro, março e até abril”, confessa Henrique. “Disseram-me que, após a cerimónia dos prémios, o telefone não parou de tocar aqui no Alma e isso continua. A verdade é que, este ano, a cobertura mediática do evento foi superior e isso contribui”, conta. “Lisboa, sendo capital, tem só quatro restaurantes com estrela Michelin e no país há apenas 21 com essa distinção.

“Antecipei preços e conceito, nada está diferente por causa da estrela”, indica Rui Paula. Com equipa de 20 pessoas, a média diária “tem sido de 35 refeições”, reconhecendo o *chef* que o ideal “seria 50 a 60, ou seja, 25 a 30 almoços e outros tantos jantares”.

O que é preciso

“É precisa boa comida, atualizada, fresca, com produtos de primeira qualidade, criatividade, uma equipa coesa e ter os clientes a exclamar, como ouvimos tantas vezes perante os pratos: ‘ai, que bonito! ai, que bom!’

E uma garrafeira de alto nível, copos à temperatura certa, reservas como deve ser, casas de banho a brilhar. Porque as pessoas não se importam de pagar desde que percebam por que razão”, comenta Rui Paula sobre o que é necessário para chegar à estrela.

“Trabalho, equipa e visão” formam a síntese de Sá Pessoa na resposta à mesma pergunta. “Não trabalhar com esse objetivo, mas procurando excelência, criatividade e qualidade. Quem seguir o caminho da persistência e do investimento, pessoal e financeiro, está mais perto. E notei que, este ano, já houve tipos de comida que fugiram ao habitual, como são os casos do Alma e do Loco. É positivo que haja essa abertura e, tal

como se vê no estrangeiro, sejam apreciados ambientes descontraídos – no Alma não há toalhas nas mesas e os cozinheiros andam pelo restaurante”, exemplifica.

O melhor do mundo

“O país tem bons produtos – embora um pouco aquém nas carnes, é o melhor do mundo no peixe com variedade, texturas diferentes, águas oxigenadas e mariscos saborosos, além de bons vegetais. Havia tradição, memória, receitas antigas – faltava reportar isso nas mesas, mas já existe mais requinte. Depois, uma boa fornada de *chefs* tem sido importante. Mas é preciso não pensar que se é *chef* num dia: um bom cozinheiro demora três anos – para ser *chef* são precisos 15”, avisa Rui Paula. “Porque o seu papel engloba ser líder de equipa, gestor, comunicador, criativo e isso não é fácil”, justifica.

“Quero mais uma estrela? É mais a ambição de evoluir – se houver evolução fica-se mais perto de não perder a primeira e, desse modo, de chegar à segunda”, sublinha Sá Pessoa.

“Quando se tem uma estrela tenta-se chegar a outra para não perder a primeira. Clientes cada vez mais surpreendidos, melhores experiências para quem nos visita e uma dose de sorte ajudam”, conclui Rui Paula. ■

Com duas estrelas estão o Belcanto (José Aviliez), Il Gallo d’Oro (Benoît Sinthon), Ocean (Hans Neuner), The Yeatman (Ricardo Costa) e Vila Joya (Dieter Koschina)



Henrique Sá Pessoa (Alma) e Rui Paula (Casa de

SETE CASOS DE SUCESSO

The Yeatman (Ricardo Costa)

Nascido em Aveiro, casado e com dois filhos, tem formação na Escola de



Hotelaria e Turismo de Coimbra. Com passagem por várias unidades do setor quer em território português, quer no estrangeiro (Espanha e Inglaterra), está à frente da cozinha do hotel a partir da sua criação em 2010. No ano seguinte surgiu a primeira estrela Michelin, enquanto a segunda vem agora. Pelo meio, por via do restaurante ou no plano individual, Costa acumulou diversos galardões e prossegue o caminho inovador.

Il Gallo d’Oro (Benoît Sinthon)

“Incríveis notas de autor que adiciona à cozinha clássica e internacional”:

foi assim que o comunicado do guia Michelin se referiu ao seu trabalho após a distinção. Natural de Gardanne, perto de Marselha, recebeu influência da avó e com 17 anos a cozinha já era um território natural. Em França trabalhou em restaurantes com estrela Michelin até chegar à Madeira e, já no Il Gallo d’Oro, ganhar a primeira em 2008. Prosseguindo o trabalho empenhado na unidade do Funchal conquista agora a segunda.



William (Luís Pestana)

Influenciado pelo pai, chef na arte da pastelaria, apostou na cozinha como carreira e, até ser o chef executivo dos restaurantes no Reid’s Palace da Madeira, teve oportunidade de experimentar várias influências importantes no estrangeiro. Com André Bertron, no próprio Reid’s, aprendeu a dominar a cozinha gaulesa. Estava a completar 27 anos quando Sergio Mei lhe mostrou os caminhos da gastronomia italiana. Já em 2008 foi Marc Meneau (três estrelas Michelin) quem lhe completou os ensinamentos da cozinha francesa.



LAB (Sergi Arola)

Este catalão não tem mãos a medir, seja no Hotel Miguel Ángel, em Madrid, no Hotel Arts (Barcelona) ou no seu restaurante Gastro, na capital espanhola. Com forte presença televisiva através de múltiplos programas de teor culinário, não se livrou de uma punição por parte das autoridades fiscais espanholas face à alegada dívida no valor de 148 mil euros. Em Sintra, o LAB é dirigido pelo *chef* Milton Anes.



Antiqvum (Vitor Matos)

Se os pais foram forçados a rumar à Suíça, a presença da gastronomia já era marcante por causa da avó em Vila Real. A viver no estrangeiro, aos 16 anos já estudava Cozinha e Pastelaria em Neuchâtel. De volta a Portugal em 1995, três anos depois era *chef* na Estalagem Quinta do Paço. Após vários hotéis, incluindo o Largo do Paço, chega a uma das mais ambicionadas distinções.



Campo Pequeno acolhe maior mercado de Natal

Second Chance e exposição “6 faces da mesma moeda” são as grandes novidades desta edição com projetos portugueses.

De 30 de novembro a 4 de dezembro, a arena do Campo Pequeno recebe antecipadamente o Natal, com uma montra de projetos e produtos 100% nacionais. A sexta edição do Mercado de Natal conta com mais de 100 expositores, que vão apresentar artigos de autor e peças de design exclusivamente de origem portuguesa, maioritariamente inspiradas nas artes e nos ofícios tradicionais, bem como em tendências artísticas contemporâneas.

A principal novidade é a criação de um novo espaço, o Second Chance, no piso 1, que contará com vários expositores, com um conceito dedicado à Sustentabilidade e ao Eco Lifestyle.

“O Second Chance tem como principal meta e característica a criação de um novo espaço de negócio que integra projectos sustentáveis, tais como Marcas Bio e Eco e também aquelas que optam por processos de reciclagem e reutilização, promovendo práticas de consumo assentes no comércio justo e na produção responsável.

Acreditamos que esta 1ª edição do Second Chance, aliada à 6ª edição do Mercado de Natal do Campo Pequeno, vai uma vez mais marcar a agenda da época natalícia”, refere Luciana Megre, responsável da organização.

A revista Gerador terá em exposição o projeto “6 faces da mesma moeda” – uma exposição de 60 fotografias a contar a histórias de 10 artistas que também vão marcar presença no Mercado de Natal.

O Mercado de Natal do Campo Pequeno estabeleceu, desde o início, o compromisso de ter, no mínimo, 30% de novidades todos os anos, com o objetivo primordial de dar palco, e divulgar pequenos negócios e artes, muitas vezes desconhecidos do público.

“Ao disponibilizar um espaço privilegiado no coração de Lisboa para os pequenos e médios artesãos, artistas e

criadores, procuramos ir ao encontro do público que começa a valorizar a originalidade e qualidade destes produtos que não encontra nas grandes superfícies”, conclui Anabela Oliveira, co-organizadora do evento.

Diariamente, das 11h30 às 21h30, os visitantes podem encontrar peças originais, do tradicional ao contemporâneo, a preços atractivos, contribuindo para a sustentabilidade de pequenos ofícios e para o desenvolvimento da microeconomia nacional. O bilhete de entrada no Mercado de Natal tem o valor de dois euros dedutíveis em compras iguais ou superiores a oito euros. ■

O certame conta com diversos expositores, englobando conceito dedicado à sustentabilidade e ao Eco Lifestyle



Fotos: Cedida e Nelson Garrido



Chá da Boa Nova): dois dos estreates na conquista de uma estrela Michelin.

Loco (Alexandre Silva)

Antes da chefia executiva no Bica do Sapato que também chegou ao Mercado da Ribeira, já o *chef* deixara marcas no El Celler de Can Roca, além das presenças no Bocca ou no alentejano Mármoris Hotel & Spa. Com o Loco apostou num outro conceito e tem vincado bem a qualidade do seu trabalho.



L'And Vineyards (Miguel Laffan)

É a segunda vez que ganha uma estrela Michelin - tinha dois anos no restaurante de Montemor-o-Novo quando se estreou a recebê-la, na edição de 2014, perdendo-a na de 2016 para agora a recuperar. O cascalense tem percurso onde se identificam escalas na Fortaleza do Guincho e em França com nomes distinguidos por estrelas Michelin como Roland Chanliaud ou Jean-Marc Banzo. Antes de rumar ao Alentejo dirigiu as cozinhas dos hotéis Casa Velha do Palheiro e Quinta da Casa Branca.



Foto cedida

Mercado será um espaço privilegiado para pequenos e médios artesãos.

ROTEIRO

LISBOA

2: Capicua – Centro Cultural de Belém, Grande Auditório, 21h00. No âmbito do CCBeat, esta é a estreia da artista portuense, cujo nome verdadeiro é Ana Matos Fernandes, no palco do espaço de Belém. Oportunidade para escutar os temas que foram fazendo um percurso de êxito – Vayorken, Casa no Campo, Sereia Louca –, mas desta vez com roupagens diferentes, tendo por base arranjos nunca antes feitos. Uma viagem pelos álbuns “Sereia Louca”, “Capicua” e “Medusa” com surpresas pelo meio.



2: Lançamento do novo livro de Ricardo Araújo Pereira: “A Doença, o Sofrimento e a Morte Entram num Bar” – Rive Rouge, 18h00.

A obra que se segue a seis volumes de crónicas e guiões radiofónicos já publicados pelo humorista.

2: Dancing with Camera: Masterclass com Adi Halfin – ESTAL, 14h00. Realizadora israelita apresenta-se integrada no Festival Internacional de Vídeo, Performance e Tecnologias InShadow.

2: Rui Massena ao vivo – Coliseu dos Recreios, 21h00. Fenómeno de talento e trabalho, o maestro e pianista viu recompensada a sua atividade com salas cheias e reflexos nas vendas, liderando o top nacional com “Ensemble”. Este é o álbum que vai ser apresentado na capital e, dia 7, no Coliseu do Porto, depois de Massena já ter sido agraciado com salas repletas na Casa da Música e no Centro Cultural de Belém.

2: Samuel Úria at X Aniversário – Musicbox, 22h00.

2: Mísia ao vivo – Teatro da Trindade, 21h30.

2: “Swingin’ the Blues”: practice makes perfect – Estação de Santa Apolónia, 21h00. Dançar ao ritmo que se pretender num espaço habitualmente destinado a outros fins.

2: Tango Irreal: No me Vengas con Milongas – Bar Irreal, 21h30.

De 2 a 4: Stockmarket, 27ª edição – Centro de Congressos, das 17h00 às 19h00. Mercado de stocks com descontos que chegam aos 80%.

De 2 a 4: Sonho de uma Noite de Verão – Centro Cultural de Belém, Pequeno Auditório, pela Companhia Maior. Dias 2 e 3 às 21h00, dia 4 às 16h00.

3: Caminhando no Oeste entre Cucos e Azenhas – Torres Vedras, 9h30. A caminhada inicia-se junto às Termas dos Cucos e, por entre marcantes belezas naturais, o rio Sizandro vai serpenteando ao



longo do percurso. Azenhas do Cabaço e da Boiaca estão incluídas num trajeto que engloba a subida ao Moinho do Gaio sem esquecer os vestígios das pegadas de dinossauros.

PORTO

2: Aimez-vous Brahms? Orquestra Sinfónica – Casa da Música, 21h00.

2: Casablanca: L’Homme qui Aimait les Femmes – Teatro Municipal Rivoli, 22h00.

2: Old Yellow Jack+The Miami Flu – Plano B, 22h00.

2: Patrulha do Purgatório, Grito! e Cabeça de Martelo – Cave 45, 22h00.

2: Yvette Band – Mary Spot Vintage Bar, Matosinhos, 23h30.

3: Workshop Fotografia de Rua – 1930 City Lodge, 9h30.

3: Curso Stand Up Comedy – UPTec, 10h00.

3: Amadeo Souza Cardoso: Visita Orientada – Museu Soares dos Reis, 10h30.

3: Sessão de Prova e Esclarecimento: os diferentes tipos de méis – Cantinho das Aromáticas, Vila Nova de Gaia, 14h30.

3: Christmas Wine Experience 2016 – The Yeatman, 14h00.

3: Red Apple & Dice – Kids and Teens, Vila Nova de Gaia, 10h00.

3: Teatro Musical: A Volta ao Mundo em 24 Músicas – Cine-Teatro Eduardo Brazão, Vila Nova de Gaia, 11h00.

3: 1º Desfile de Moda Inclusiva (ANAMP) – Caves Ferreira, Vila Nova de Gaia, 17h00. O evento destina-se a assinalar o Dia Internacional da Pessoa com Deficiência.

7: Mallu Magalhães – Casa da Música, sala Suggia, 21h30. A digressão “Saudade” visita a Cidade Invicta para encantar o público.

ALGARVE

2: Concertos ao Entardecer: Norberto Lobo – Hostel 1878, 18h30.

2 e 3: Orquestra de Jazz do Algarve featuring Tom Fitzpatrick – Auditório Municipal de Lagoa, 21h30.

2: Lançamento do Livro de Mirian



Tavares – Fórum Algarve, FNAC, 21h30.

3: Pintura dos Pequenininos – Até à Lua, Lagos, 10h30.

PORTO

2: UHF – Hard Club, 22h00. “À Flor da Pele” (1981) e “Noites Negras de Azul” (1988), dois dos trabalhos mais ilustrativos da carreira da banda nascida em Almada e com longo trajeto no panorama da música em Portugal, estão em destaque. Os álbuns vão ser tocados a 100%, tal como foram colocados à venda nas respetivas edições em vinil. Mas há mais: não vão faltar clássicos do grupo e, pela primeira vez nestas presenças em palco, nem mesmo os antigos lados B dos singles lançados no primeiro caso, de início da década de 80. Preços: pré-venda: 12 euros; no dia: 15 euros.



3: Rita Guerra: Uma Noite em Faro – Teatro das Figuras, 21h30.

3: Coro Bella a Cappella – Igreja da Misericórdia, Tavira, 18h00.

COIMBRA

2: Aurélie & Verioca – Stroganov Hotel, Oliveira do Hospital, 19h00.

4: Fitacola, ensaio aberto – Music Light, 16h00.

6: Jorge Palma: “Só” – Convento de São Francisco, 22h00. Após as apresentações em Lisboa e no Porto, Palma prossegue a digressão nacional, assinalando os 25 anos de lançamento do álbum “Só”. No dia 10 será o Teatro das Figuras, em Faro, a receber o show.

SETÚBAL

2: O Pássaro Re-Imaginado – Companhia de Dança Maria Popova, Fórum José Manuel Figueiredo, Moita, 21h30.

3: Visita à Fragata D. Fernando e Miradouros de Almada – Cacilhas, 10h00.

3: À Descoberta dos Cogumelos – Lagoa de Albufeira, 10h00.

3: Espeleologia: garganta do Cabo – Sesimbra, 14h30.

De 2 a 11: XX Feira do Livro – Biblioteca Municipal de Alcácer do Sal, 21h00.

ÉVORA

2: Poesia Homónima por Júlio Resende e Júlio Machado Vaz – Teatro Garcia de Resende, 21h30.

De 2 a 4: XVII Mostra de Doçaria de Alcáçovas – Viana do Alentejo, 19h00.

3 e 4: Cozinha dos Ganhões – Estremoz, 22h00.

3: Pedro Abrunhosa – Feira do Montado, Portel, 22h00.

BEJA

2: Rock and Dance – Lancelote Bar, Mértola, 23h00.

V. CASTELO

3: Piano – Smooth Jazz: Jacqui Naylor – Casa das Artes, Arcos de Valdevez, 22h00.

6: Exposição Armando Alves – Oficina Cultural, IPVC, 21h00.

De 6 a 11: Fortaleza de Chocolate – Valença, 15h00.

7: Apresentação do livro “Até que o Amor me Mate”, por Maria João Lopo de Carvalho – Biblioteca Municipal de Ponte de Lima, 18h00.

BRAGA

2: Rock with Benefits – Fafe, 21h30.

2: The Black Mamba: acústico – Theatro Circo, 21h30.

2: A Máquina de Emaranhar Paisagens (a partir de Herberto Helder) – Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, 22h00.

3: Theatro Concerto: “A Viagem” – Theatro Club, Póvoa de Lanhoso, 22h00.

3: Satie.150 – Theatro Circo, 21h30.

MADEIRA

2: As Barrigas também têm Dentro – Teatro Feiticeiro do Norte, 9h45.

De 6 a 5/1: André Ferraz – Museu de Eletricidade Casa da Luz, 18h00.

AÇORES

2: Teatro: “Toda a Gente” – Teatro Faialense, Horta, 21h30.

3, 4 e 6: Ballet Teatro Paz: Açores, uma Jornada de Sonho – Teatro Micaelense, Ponta Delgada, 21h30 e 10h30 no último dia.